

Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação

Edvaldo Balduino Bispo¹

edvaldo.bispo@ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Monclar Guimarães Lopes²

monclarlopes@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

(Editores *ad hoc*)

Tendência recente dos estudos funcionalistas praticados no Brasil, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) resulta da aproximação entre Funcionalismo norte-americano, Linguística Cognitiva (LC) e Gramática de Construções (GC). Incorpora postulados e conceitos operacionais da GC, na perspectiva de Goldberg (1995, 2003, 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014), entre outros, não se filiando a um modelo particular (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013).

Coube ao grupo Discurso & Gramática, comunidade acadêmica brasileira, cunhar o rótulo Linguística Funcional Centrada no Uso. Conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), representa desdobramento do que Martelotta (2011) chamou Linguística Centrada no Uso e se aproxima, em termos teóricos e metodológicos, da Linguística Cognitivo-funcional (TOMASELLO, 1998), Usage-based Linguistics/Theory (BYBEE, 2010), Usage-based Models (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013). Não são, porém, a mesma coisa.

Entre os pressupostos básicos assumidos por pesquisas assentadas na LFCU, destacamos: (i) o entendimento de que as habilidades linguísticas podem ser tomadas e apreendidas do mesmo modo que outras capacidades cognitivas; (ii) a compreensão de que a linguagem constitui um amplo e multifacetado conjunto de atividades cognitivas e sociocomunicativas, associadas a outras atividades humanas; (iii) a

¹ Professor Associado do Departamento de Letras e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Líder do grupo de pesquisa Discurso & Gramática (D&G) Natal. Realiza pós-doutorado sênior (2021/2022) na Universidade Federal Fluminense com apoio da FAPERJ.

² Professor Adjunto do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PosLing/UFF). Vice-líder do grupo de pesquisa Discurso & Gramática (D&G) Niterói.

rejeição à ideia de autonomia e centralidade da sintaxe; (iv) a noção de que léxico e gramática situam-se nos polos de um *continuum*, não havendo, assim, fronteiras rígidas entre eles; (v) a adoção de fatores semântico-cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos nas análises linguísticas; (vi) a noção de que a língua é uma estrutura plástica, maleável, um sistema adaptativo complexo e consiste de uma rede de construções inter-relacionadas e organizadas hierarquicamente; (vii) a consideração da maleabilidade do sistema linguístico, que comporta gradiência e gradualidade, associadas, respectivamente, à variação e à mudança, a que as línguas naturais estão sujeitas.

Dados os pressupostos assumidos pela LCFU, alguns princípios, processos e categorias analíticas são utilizados, em maior ou menor medida, nas investigações sob essa vertente funcionalista. Citamos aqui a iconidade e a marcação, princípios clássicos, voltadas à relação transparência/opacidade entre conteúdo e expressão; a informatividade, ligada à distribuição do conteúdo na cláusula e à codificação de referentes nominais; a noção de prototipia, relacionada diretamente à categorização; plano discursivo, estreitamente ligado à saliência percentual; processos metafóricos e metonímicos, associados à variação e à mudança linguísticas, entre outros.

O conceito de *construção* como pareamento simbólico convencionalizado de forma e significado (LANGACKER, 1987; CROFT, 2005) representa uma das incorporações da LFCU. A construção é uma entidade abstrata, uma generalização com base em instâncias de uso da língua em práticas interacionais. Associadas à construção estão as noções de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, as quais são tomadas como propriedades daquela. Esses conceitos têm natureza operacional, pois são utilizados para a análise de padrões linguísticos, em termos de sua caracterização formal e de sua descrição funcional.

O entendimento do que pode ser considerado uma construção não é consensual. Varia conforme o modelo de GC adotado ou segundo a perspectiva particular do pesquisador. Para Goldberg (2006), por exemplo, a construção vai do morfema a estruturas oracionais complexas, como à *medida que X, Y*, no caso do português. Outros construcionistas, como Diessel (2019), defendem que a construção inicia no nível da palavra, desconsiderando, pois, a existência de construções monomorfêmicas. Östman e Fried (2005), por sua vez, admitem que padrões discursivos, que incluem tipo e gênero textual, podem ser tomados como construções.

No âmbito da LFCU, os pesquisadores têm levado em conta a visão goldbergiana isolada ou conjugada à proposta de Östman e Fried (2005).

Também tem sido prática corrente em pesquisas fundamentadas na LFCU a consideração da proposta de Croft (2001) para a representação da construção. Segundo o autor, a construção envolve dois polos (forma e sentido), relacionados por elo de correspondência simbólica. O polo da forma compreende propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o do sentido (função) abarca propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Ainda conforme o mesmo autor, o polo funcional inclui todos os aspectos interacionais que circunstanciam o uso linguístico.

A relação entre forma e função é pedra de toque às investigações funcionalistas e constitui a essência do princípio de iconicidade, definida como a relação motivada entre conteúdo e expressão (GIVÓN, 1984; HAIMAN, 1985). Também representa ponto delicado na compatibilização entre LF e GC, conforme problematizam Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016), seja na tensão arbitrariedade vs motivação, seja no estatuto dos elementos que integram o pareamento forma-sentido. Para a tensão referida, concorrem, do lado construcionista, o viés simbólico do pareamento; da parte funcional, o impacto que a função exerce sobre a codificação linguística. Quanto ao estatuto da forma e da função, os autores destacam que, da perspectiva construcionista, não se especifica se tais elementos têm o mesmo peso na construção ou se um deles ganha maior saliência; sob o olhar funcionalista, por sua vez, a função tem ascendência sobre a forma. O ponto de equilíbrio proposto pelos autores é relativizar tanto o caráter arbitrário na ligação entre forma e sentido quanto a noção de equivalência dos dois polos do pareamento.

Outro aspecto com que a LFCU tem lidado ao assumir o conceito de construção, suas características e propriedades, diz respeito ao postulado da GC de que as construções se organizam em rede, de forma hierarquizada, representando *nós*, os quais se conectam uns aos outros por elos relacionais e de herança. A hierarquia em rede é capturada pela organização das construções, por parte do analista, em níveis distintos de abstração, identificados como esquema, subesquema e microconstruções, na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013). Veja-se, por exemplo, a rede construcional de “*Além de X, Y*”, proposta por Ivo Rosário e Milena Santos no artigo *Chunks aditivos de extensão: uma análise funcional centrada no uso*, com acréscimos à hierarquização tripartite anteriormente referida. Já a interconexão

das construções é descrita em termos de elos relacionais (de polissemia, de extensão metafórica, de subparte, de instância (GOLDBERG, 1995)) e elos de herança, associados aos vários níveis de generalização/abstração, e que envolvem propriedades herdadas por construções menos esquemáticas daquelas que lhes são dominantes (uma construção transitiva, por exemplo, herda propriedades da construção sujeito-predicado, que é mais esquemática).

Da parte da emergência, regularização, variação e mudança de padrões linguísticos, a LFCU passou a trabalhar com as noções de mudança construcional e construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Foram tomadas como alternativas à gramaticalização, classicamente considerada nos modelos funcionalistas para dar conta da mudança linguística. Conforme esses autores, a mudança construcional afeta uma dimensão interna da construção, seja no polo da forma (fonológica, morfológica e/ou sintática), seja no da função (semântica, pragmática e/ou discursiva), mas não acarreta nova construção, não alterando, assim, a arquitetura da rede. A construcionalização, por sua vez, consiste na criação de um novo pareamento de forma e função, isto é, de uma nova construção, resultando em um novo nó na rede. Ainda segundo Traugott e Trousdale (2013), esse processo envolve mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade e resulta sempre da sucessão de micropassos, o que implica gradualidade. Ilustram a aplicação desses processos os artigos *A emergência dos marcadores discursivos note que e vá lá: uma análise funcional centrada no uso*, de Ana Cláudia Machado Teixeira, e *Contextos para construcionalização: micropassos e paradigmática*, de Mariangela Rios de Oliveira e Flávia Saboya da Luz Rosa, neste número especial. Furtado da Cunha e Bispo (2019, p. 97) registram que, “embora não seja afirmado por Traugott e Trousdale (2013), parece adequado associar a mudança construcional à variação e a construcionalização à mudança linguística”.

A variação entre construções semanticamente próximas tem sido tratada, por alguns construcionistas, em termos de relações horizontais (CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015). Cappelle (2006) propõe o termo *alloconstructions* (aloconstruções) para designar realizações distintas de uma construção, as quais veiculam o mesmo conteúdo proposicional, mas com especificidades pragmáticas. Alguns funcionalistas têm recorrido a essa proposta para dar conta de fenômenos sob análise que envolvem variação. A esse respeito, veja-se a discussão empreendida por Angélica Furtado da Cunha e José Romerito Silva, também neste número, acerca da coexistência de

padrões distintos para a expressão da construção transitiva com o mesmo significado básico.

A aproximação entre LF e LC trouxe para a LFCU um reforço à consideração de processos cognitivos gerais na investigação de fatos linguísticos. Bybee (2010) destaca a atuação desses processos nos usos da língua e o impacto que têm na variação e na mudança linguísticas. A autora elenca, entre outros, categorização, *chunking*, memória rica, analogia e associação transmodal. Furtado da Cunha e Bispo (2013) pontuam a centralidade da categorização no uso efetivo da língua. Conforme esses autores, ela é “o processo cognitivo mais básico, mais difundido, já que interage com todos os outros envolvidos no uso da linguagem – por meio dela são estabelecidas as unidades da língua, seu significado e sua forma” (p. 58).

Em termos metodológicos, a LFCU tem o compromisso primeiro de lidar com dados da língua em situações efetivas de interação verbal, visto que defende que as formas linguísticas são motivadas por fatores de natureza vária (estruturais, sociocomunicativos, cognitivos e históricos). Esses fatores, em conjunto, atuam de modo diverso nos distintos contextos de comunicação, complementando-se em uns casos e anulando-se em outros. Isso implica a adoção de uma metodologia que considere não apenas a interdependência desses fatores, mas sua atuação contextualmente diferenciada.

Os pesquisadores orientados por essa vertente teórica buscam identificar e avaliar fatores de natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática que regulam as manifestações do fenômeno investigado, atentos para as restrições de natureza formal que estimulam ou bloqueiam a regularização desse fenômeno.

Na LFCU, são utilizados os raciocínios indutivo e dedutivo, o que caracteriza, conforme Givón (1995), o método abduutivo de análise. A natureza indutiva reside na consideração de instâncias particulares do fenômeno sob exame para, a partir delas, chegar a determinadas generalizações. O viés dedutivo decorre da ancoragem em uma base teórica consolidada, com postulados e premissas consistentes e fortemente referendadas na empiria.

No que tange à abordagem do fenômeno estudado, desenvolve-se uma análise que conjuga fatores qualitativos e quantitativos, de modo a evidenciar tendências de uso. O enfoque qualitativo diz respeito à natureza descritiva e interpretativa da análise. Já a dimensão quantitativa refere-se à natureza mensurável do material empírico

tomado como amostra. Para tanto, quantificamos, em termos absolutos e percentuais, a recorrência dos fatores linguísticos selecionados para a análise.

Quanto aos aspectos investigados, podemos citar a aferição da frequência de uso, a configuração das estruturas linguísticas no cotexto linguístico e no contexto comunicativo, os processos sociointeracionais e cognitivos subjacentes aos usos linguísticos. A frequência de uso de uma determinada construção leva a seu estabelecimento no repertório do falante e faz dela uma unidade de processamento, o que implica que o falante explora recursos gramaticais disponíveis para atingir seus objetivos comunicativos. É importante lembrar, contudo, que o discurso exhibe padrões recorrentes que extrapolam o que é previsível pelas regras gramaticais, e a explicação para a existência desses padrões deve ser procurada no âmbito da cognição e da comunicação.

São testadas as hipóteses a respeito de aspectos sincrônicos e diacrônicos com dados de textos reais (orais, escritos e/ou multimodais). O propósito é descrever e interpretar os fatos linguísticos com base nas funções que eles desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia. Interessa a uma pesquisa funcionalista centrada no uso identificar diferentes motivações funcionais e avaliar o efeito de cada uma delas na configuração concreta do fenômeno sob exame.

Feita a caracterização teórica e metodológica da LFCU, contemplamos, neste número, dois tipos de artigos científicos: uns de caráter mais teórico, com o objetivo de apresentar nova abordagem construcionista ou, ainda, de refletir acerca de determinadas categorias analíticas da LFCU; outros de caráter aplicado, voltados para a investigação de fenômenos linguísticos particulares à luz de pressupostos e categorias dessa vertente funcionalista. Para tanto, descrevemos, sucintamente, os artigos que integram este número especial da *Odisseia*.

Em *Morfologia relacional: o que é e como se faz*, Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ) apresenta ao leitor um panorama da Morfologia Relacional (JANCKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2019), um modelo construcional recente para a descrição da morfologia das línguas naturais. Ao longo do texto, o autor tece considerações sobre pontos convergentes e divergentes entre essa abordagem e outras congêneres, como a Morfologia Construcional (BOOI, 2005; 2010). De acordo com Carlos Alexandre, o principal objetivo de seu texto é o de difundir uma perspectiva que, embora pouco conhecida no Brasil, pode trazer grandes contribuições para a descrição da morfologia do Português.

Monclar Guimarães Lopes (UFF), em *Variação construcional e/ou competição pelo uso*, discute o lugar da variação nos estudos desenvolvidos sob a orientação da Linguística Funcional Centrada no Uso. Para isso, desenvolve um estudo comparativo, de cunho bibliográfico, com o objetivo de descrever as semelhanças e as diferenças entre o que o Funcionalismo norte-americano chama de *competição pelo uso* e a Gramática de Construções chama de *variação construcional*. Por fim, propõe que a LFCU eleja este termo e abandone aquele, uma vez que a variação construcional possibilita análises mais amplas ao englobar aspectos tanto linguísticos e cognitivos quanto sociais e culturais.

Em *Transitividade e variação construcional*, José Romerito Silva (UFRN) e Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN/CNPq) investigam os seguintes fenômenos variáveis em construções transitivas com os verbos *encontrar*, *assistir* e *ir*: a) presença ou ausência de pronome (*encontrar-se com/ encontrar com*); b) presença ou ausência de preposição (*assistir/ assistir a*); c) alternância de preposição (*ir em/ ir a*). Apoiados especialmente no conceito de *metaconstrução*, nos termos de Lorenz (2020), os autores sustentam que os usos alternantes podem ser interpretados como variantes gramaticais em determinados contextos de uso. Paralelamente, ao longo de suas análises, buscam identificar as motivações cognitivas e discursivo-pragmáticas favorecedoras do emprego de um ou de outro padrão disponível.

Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq/FAPERJ) e Flávia Saboya da Luz Rosa (UFF) propõem um refinamento dos micropassos de mudança construcional. A partir de reflexões do texto de Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), as autoras associam os contextos de mudança aos estágios de pré-construcionalização, construcionalização e pós-construcionalização e apresentam um tratamento escalar para cada contexto, mensurável em graus, aos quais dão o nome de *nanopassos*. Além disso, mostram, com base em Diewald (2020), como os estágios pós-construcionalização colaboram para a inserção das construções em paradigmas gramaticais, que podem ser entendidos como uma hiperconstrução.

No artigo *Chunks aditivos de extensão: uma análise funcional centrada no uso*, Ivo da Costa do Rosário (UFF/CNPq/FAPERJ) e Milena Silva dos Santos (UFF) descrevem quatro microconstruções pertencentes à rede esquemática [Além de X, Y], empregadas na articulação hipotática aditiva de orações, a saber: *além de tudo*, *além do mais*, *além da conta* e *além do que*. Com base em Bybee (2016), os autores argumentam que tais microconstruções constituem *chunks*, na medida em que seus

componentes formam um agrupamento fixo de palavras com perda parcial de sua composicionalidade semântica. Paralelamente, defendem que os objetos estudados podem ser vistos numa perspectiva escalar, já que apresentam diferentes graus de composicionalidade e analisabilidade.

Fernando da Silva Cordeiro (UFERSA), no texto *Atuação de processos sociointeracionais e projeções conceptuais na extensão semântica de nomes deverbais em -nte*, investiga a emergência e a rotinização de sentidos dos nomes deverbais terminados pelo sufixo nominal *-nte*. Nesse processo, busca apontar os processos interacionais e os mecanismos cognitivos que atuam na ampliação dos sentidos desses nomes, bem como explicar como esses processos levam os falantes a empregarem-nos com novos sentidos, distintos daqueles comumente relacionados à base verbal. Para esse fim, recorre a dados do português escrito entre os séculos XIII e XX e procede a uma análise de viés qualitativo, em que descreve as propriedades semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas dos construtos nos seus próprios contextos de uso.

Por fim, no texto *A emergência dos marcadores discursivos note que e vá lá: uma análise centrada no uso*, Ana Cláudia Machado Teixeira (UFF) investiga a emergência dos marcadores discursivos *note que* e *vá lá*. Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, o artigo tem o objetivo de detectar os níveis de integração semântico-sintática dessas microconstruções, bem como o de descrever os contextos que motivam sua emergência. Para esse fim, a autora emprega a perspectiva metodológica de Diewald (2006) ao comparar os usos de *note que* e *vá lá* tanto em seus contextos-fonte quanto em contextos isolados.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Referências

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. DRESSLER et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 109-131, 2005.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: United Kingdom University Press, 2010.

BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. Trad: Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for alloconstructions. *Constructions all over*. Düsseldorf, Germany: Heinrich Heine University, 2006, p. 1-28.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Logical and typological arguments for radical construction grammar. In: ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005, p. 273-314.

DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019

DIEWALD, G. Paradigms Lost — Paradigms Regained: Paradigms as Hyper-Constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2020, p. 278-315.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. et al (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.

DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. 2006. Disponível em:

http://www.constructionsonline.de/articles/specvol11/686/Diewald_context_types_in_grammaticalization.pdf. Acesso em: novembro/2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, volume especial, p. 55-67, 2016.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. V. I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions: a new theoretical approach to language*. In: Trends in Cognitive Sciences, v. 7, n. 5, May, p. 219-224.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edimburg: Edimburg Univeristy Press, 2014.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: OUP, 2013.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*. v. 11, n. 4, p. 467–493, 2016.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: Audring J. Masini F. (eds.) *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon. Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LORENZ, D. Converging variations and the emergence of horizontal links: *to*-contraction in American English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (Eds.). *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2020, p. 243-276.

MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005.

PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar: experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

TOMASELLO, M. (ed). *The new psychology of language cognitive and functional approaches to language structures*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, v. 1, 199

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.